



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechinha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Parry Scott, Russel

Juventude urbana em Brasil, Zâmbia e Vietnã: nações, cidades e pluralidades

Sociedade e Cultura, vol. 17, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 109-120

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70340850009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Juventude urbana em Brasil, Zâmbia e Vietnã: nações, cidades e pluralidades

Russel Parry Scott

Doutor em Antropologia (University of Texas at Austin)

Professor titular na Universidade Federal de Pernambuco

Recife, Pernambuco, Brasil

rparryscott@gmail.com

Resumo

De 2001 a 2005, o estudo comparativo “Youth and the City” focou jovens em cidades em três continentes diferentes: América do Sul (Recife, Brasil), África (Lusaka, Zâmbia) e Ásia (Hanói, Vietnã). A maleabilidade da juventude, como categoria, e dos jovens, como atores sociais, é evidente em contextos urbanos locais, nacionais e históricos bem diferenciados. O argumento deste trabalho é que a “pluralidade” da juventude pode ser compreendida com base na combinação de contextos nacionais e culturas juvenis. Identificam-se alguns processos sociais específicos que operam em diferentes contextos sociais vividos por jovens em cidades. O trabalho ressalta como a história, a demografia, os significados da faixa etária e a formação de redes de relacionamentos, associadas a tradições culturais e à busca de individualismo, se articulam para construir pluralidades limitadas diferentemente em variadas nações. Assim, os jovens em si provocam outras pluralidades na sua busca de espaços juvenis nesses limites nacionais.

Palavras-chave: juventude urbana, pluralidade, Brasil, Zâmbia, Vietnã.

Comparando jovens em cidades de três continentes fica evidente que a juventude é uma categoria maleável, e que as cidades são contextos bem diferenciados. De 2001 a 2005 a cidade do Recife serviu como palco para desenvolver o lado brasileiro do estudo comparativo “Youth and the City”,¹ realizado com jovens em cidades de três continentes diferentes: América do Sul, África e Ásia. A ideia anunciada não foi comparar continentes, pois a variabilidade interna entre países, sem nem pensar sobre a variabilidade entre cidades de um mesmo país, não permite tamanha pretensão. Na crescente urbanização mundial, os jovens têm despontado como cada vez mais merecedores de atenção especial, devido à singularidade dos desafios enfrentados pelas pessoas que se identificam como fazendo parte dessa condição etária e relacional, ou desse “tempo de vida”.

Jovens em diferentes países conferem significados diferentes a elementos semelhantes. Usam filtros próprios para se engajar num mundo interconectado. As conexões não são iguais. As escolhas, os constrangimentos e as oportunidades particulares marcam experiências e cursos de vida múltiplos. A vida em cada cidade proporciona diferentes configurações do cotidiano e das expectativas dos/das jovens. Caracterizar em termos gerais “um jovem do Recife” no Brasil, “um jovem de Lu-

1. Ver Hansen et al. (2008) para o livro que resultou dessa pesquisa e uma descrição das perspectivas e procedimentos seguidos. *Youth and the City: Skills, Knowledge and Social Reproduction* foi financiado pela Danish International Development Agency (DANIDA).

saka” em Zâmbia ou “um jovem de Hanói” em Vietnã violaria a variabilidade encontrada entre classes, entre gêneros e, mesmo, entre indivíduos em cada cenário urbano referido. Já a apresentação de alguns casos e exemplificações concretas contribui para que saibamos como o ser jovem num local constrói, e é construído, de uma maneira interconectada, pela história, pela demografia e pela cultura, que cria interfaces entre a vivência das subjetividades e as políticas elaboradas para “jovens”.

É nessa interface que fazemos referência a “pluralidades limitadas”, que, diante das muitas possibilidades de vivência juvenil em ambientes urbanos, moldam contextos que favorecem algumas práticas mais que outras e variam de nação para nação. Ao referirmo-nos, em seguida, a pluralidades “provocadas”, reconhecemos que a agência juvenil contesta essas limitações e encontra maneiras próprias de desafiar, ou pelo menos de não sucumbir, às limitações que esses contextos erigem. Nos estudos contemporâneos sobre juventude, a plasticidade da identidade de “jovem” ganha relevo. A importância da subjetividade de agentes e o respeito ao direito de autodeterminação fazem com que a ideia de plasticidade, como a de pluralidade, esteja bem em consonância com a importância discursiva da ideia de construção de direitos num mundo global.

Elaborando com mais detalhe alguns elementos que recebem atenção aqui, pode-se ver que os direitos buscados pelos jovens nas cidades ganham os seus contornos específicos de acordo com: 1) os processos sociais que se evidenciam nas estruturas de poder configuradas no desenrolar de histórias nacionais; 2) os efeitos de processos demográficos; 3) os significados atribuídos a diferentes faixas etárias “jovens” em relação ao restante da população; 4) a atuação como portadores de tradições culturais que consagram formas de manifestar a inserção juvenil em pertencimentos locais. Na sua busca de inserções, simultaneamente como protagonistas e objetos de políticas que se desenham em torno deles na confluência desses fatores em cada nação, o individualismo expressa-se de maneiras diferentes e plurais. Cada uma dessas questões será abordada mais adiante.

Os quatro pressupostos da pesquisa *Youth and the City* desempenharam um papel fundamental na elaboração da diferenciação entre pluralidades limitadas (no contexto das nações) e pluralidades provocadas (no contexto da cultura juvenil) apresentadas aqui. A busca da pesquisa centrou-se na aquisição de habilidades e conhecimentos por jovens em cada local diferente. Dentro de cada cidade, trabalhou com diferenças de gênero e de riqueza relativa, de modo a não estabelecer generalizações insensíveis a essas diferenças internas a esses locais. Os quatro pressupostos que guiaram todos os pesquisadores, independen-

temente das suas ênfases específicas, incluíram: 1) o ambiente urbano merece destaque por ter prevalecido na discussão em estudos sobre jovens; 2) a prática da exportação de noções dos países centrais sobre a experiência da juventude não favorece plenamente uma abordagem construída nas experiências e nos significados de jovens de cidades investigadas fora destes países; 3) a diversidade de adaptações e resistências a fluxos de imagens e valores que circulam no mundo avisa contra uma visão homogeneizadora do processo de globalização; 4) a juventude possui uma agência em que opera em plena consciência de processos globais, negociando para utilizar práticas de consumo e atividades cotidianas embutidas na cultura local (Hansen, 2008a, p. 4-11).

As diferenças dos jovens e das jovens em cidades em continentes diferentes não são simplesmente diferenças aleatórias. Pressupor pluralidade, sem condicioná-la aos contextos locais e nacionais, seria exagerar o poder da agência juvenil. Agência não deve ser confundida com voluntarismo, pois ela ocorre dentro das condições postas nesses contextos. Neste trabalho, o realce foca a cidade do Recife, onde a nossa subequipe pesquisou, e isso colore as ênfases em questões específicas em cada item tratado. Uma breve discussão da composição das equipes da pesquisa ajuda a entender a construção dos dados referidos.

A equipe internacional da pesquisa foi composta predominantemente por antropólogos, mas os pesquisadores de campo comparados, que iam a campo com os antropólogos nos três locais (Recife, Lusaka, Hanói), tinham origens disciplinares em geografia, pedagogia e comunicações. Os antropólogos, cada um em cada cidade, coordenavam os estudos, ligando outros pesquisadores locais com os integrantes internacionais da equipe. Os antropólogos abriram caminho para que os pesquisadores comparativos, especialistas de outras áreas, pudessem realizar as suas pesquisas com um grau relativo de compreensão de significados e processos locais em torno dos seus próprios assuntos de investigação.

As reformulações sobre o que queria dizer “ser jovem” requeriam esforços interpretativos que precisavam respeitar dois parâmetros, às vezes contrapostos. Primeiro, a adoção, minimamente, dos parâmetros internacionais e o acúmulo de informações nos estudos sobre juventude permitiram situar os diferentes grupos estudados num mesmo patamar relativo de idade, de experiências vividas e de transições em curso. Segundo, mesmo assim, as faixas etárias oscilavam, as experiências divergiam e as transições eram variadas e nem sempre lineais.

Comparando jovens em continentes diferentes: pluralidades limitadas

Aquisição de habilidades e conhecimentos, expressão do subtítulo da pesquisa comparada internacional, é uma delimitação que abre mais do que fecha. Como resultado, na pesquisa entre Recife, Lusaka e Hanói, o que se destaca é a pluralidade. Mas, como já argumentamos, essa pluralidade, muitas vezes associada a um realce da subjetividade e liberdade juvenis, também esbarra em limites, sendo provocada por uma série de fatores identificáveis nos contextos vistos em cada cidade e nação, reestruturando as vidas e afetando a confecção de significados e subjetividades pelos jovens e pelos que a eles se dirigem.

Grandes parcelas dos jovens do mundo inteiro estão experimentando no início do século XXI uma visibilidade como a parte da população na qual mais se concentra o desemprego globalmente. Em muitos locais os jovens estão se colocando como pertencentes a uma categoria que merece ser vista pelo que está vivendo, e não pelo que representa como o futuro de uma nação, de uma família ou de outra instituição. Vivem a ambiguidade de ser expostos a argumentos que procuram identificar “o que está errado com estas novas gerações”, provenientes de formuladores de políticas governamentais, de veiculadores de mensagens passadas por agentes da mídia, ou, simplesmente, de cidadãos comuns que expressam o que está na “boca do povo”. Quando os jovens enxergam que muito do que se diz que “está errado” é justamente o que já foi posto no seu caminho, obstaculizando a realização do que imaginariam que faria parte da construção de uma vida digna na sua sociedade, a tensão, o desencanto, a revolta e a determinação de promover mudanças, todos se erguem como possibilidades. A maneira como isso se manifesta diferentemente de local em local pode ser entendida como uma pluralidade que estabelece limites, que opera nas suas próprias formas nos contextos nacional e local das cidades sul-americanas, africanas e asiáticas estudadas.

Sempre dando destaque às práticas e a alguns dos significados atribuídos à vida pelos jovens no Recife, neste trabalho procura-se evidenciar como a pluralidade sofre limitações, mediante observações provenientes da busca de convergências e divergências com as outras duas cidades. É nessa comparação que a particularidade se manifesta (Scott 2006), e essas particularidades tingem as possibilidades de os jovens, como sujeitos, poderem provocar maneiras próprias de superar as limitações a eles impostas.

Pluralidade limitada pela história: diferentes aberturas democráticas

A competição acirrada para rotular processos dominantes no mundo contemporâneo povoa as ciências sociais com conceitos cujas sutilezas possuem graus bem diferentes. As cidades de Recife, Lusaka e Hanói são grandes, mas não são megaconglomerações urbanas. Em todas, percebe-se uma continuada urbanização e um processo de abertura econômica e política. E em todos os lugares essa abertura caracteriza-se como simultaneamente *democratizante* apoiada num discurso intenso sobre “direitos” (Scott, 2004, 2011) e *excludente*, por promover uma economia de mercado que precariza o acesso ao trabalho (Antunes, 2002; Hirata, 2002). Ao ver as diferentes histórias das cidades, podem-se perceber algumas particularidades do Recife que influenciam a pluralidade de oportunidades e trajetórias para jovens nessa cidade.

Na África, a democratização de Lusaka não vem fortemente acompanhada por melhorias na qualidade de vida, e entre os jovens, bem como entre outras gerações, o descrédito nas políticas do país é a regra. Não há clareza sobre a inserção dos jovens. As expectativas são limitadas, com um grupo minúsculo de elites muito ricas estudando e aproveitando oportunidades até no exterior, e com enormes números de outros moradores nas cidades enfrentando uma pobreza marcante. Deixa brechas para o desencanto com os caminhos políticos, que, apesar de se abrirem em décadas recentes para partidos múltiplos, não costumam receber adesão da maioria da população jovem além de pequenas atividades remuneradas de retorno imediato, pois entre os jovens de Lusaka se comenta que a política fala muito em jovens, mas efetivamente não os escuta e não os envolve em muitas atividades. Com o caminho de atividade política partidária limitada, ainda há alguns jovens que encontrem saídas próprias se envolvendo em ONGs, em igrejas e por meio de música. Cursos vocacionais ganham destaque, já que a busca é para alguma atividade econômica que possa sustentar os próprios jovens (Hansen, 1997, 2008a, 2008b).

No Vietnã, por outro lado, os contrastes internos são mais sutis nos níveis de renda entre grupos sociais. O país está num caminho inusitado de reformas, chamadas de “Doi Moi”, que abriram as fronteiras políticas e econômicas para contatos globais há mais de vinte anos, sempre submetidas à direção firme de um governo comunista que investe forte num projeto desenvolvimentista. A vigilância histórica das ações de cidadãos pela União de Juventude, com uma comissão em quase cada bairro, direciona expectativas e decisões num sentido que reforça a forte gerontocracia do país e cobra sucesso nos estudos de jovens, construindo um discurso que sacramenta o futuro e que identifica o jovem, quando qualificado, como

bem incluído nesse futuro. A dedicação aos estudos e a expectativa de poder achar algum emprego num país que insiste na sua inserção em políticas de crescimento criam um cenário de obediência e respeito vigiados que contrasta muito com Lusaka e Recife, onde a omissão do governo fica mais evidente.

Como Recife se insere historicamente numa região cujo índice de desenvolvimento humano é bem superior ao das cidades da África, assemelhando-se em nível ao Vietnã, é impossível atribuir trajetórias juvenis diferenciadas, de uma forma simples, a níveis de pobreza relativa. Que isso é relevante na comparação com Lusaka é evidente, mas com a comparação com Vietnã, é muito mais claro que a vivência da juventude depende da força das opções políticas e de processos históricos específicos.

A “abertura” brasileira ocorre em um ambiente de contraste forte com uma política precedente de um tempo da ditadura que, em termos econômicos, já integrava o país num projeto modernizante, acirrando a visibilidade cotidiana de desigualdade econômica e social. Os contrastes entre grupos sociais exercem uma valorização da formação de uma vontade dos grupos populares atingirem um nível de consumo de camadas médias, ao mesmo tempo em que gera um desestímulo forte às expectativas de melhoria, dados os altos níveis de desemprego.

Scott e Franch (2004) enquadram a juventude de Pernambuco nos processos demográficos brasileiros. Mostram a concentração de jovens na cidade e na região e evidenciam a precariedade do mercado de trabalho para essa faixa etária e a intensidade de horas trabalhadas e baixa remuneração em relação a outras áreas metropolitanas brasileiras quando se encontra trabalho remunerado. Processos migratórios, somados ao crescimento vegetativo, contribuíram para haver proporcionalmente mais jovens de 20 a 24 anos morando na cidade, e os que trabalham ganham menos do que os de outras cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo. No Recife costumam trabalhar quatro ou cinco horas a mais do que os jovens desses locais. Quem procura trabalho são os jovens mais pobres, pois os mais ricos continuam estudando e procurando renda em bolsas, estágios remunerados, aprendizado de informática (Rodrigues 2002; Longhi, 2002) e a ajuda, direta ou indireta, dos seus pais. Desta forma, por mais que façam parte da mesma sociedade, há dessemelhanças notáveis entre jovens de camadas médias e de grupos populares no Recife. Então, se em Vietnã os jovens são integrados num projeto inclusivo, no Brasil são apenas os mais privilegiados que se integram abertamente em semelhante projeto e, mesmo assim, com um discurso que reconhece a sua precariedade.

Resumindo, uma história recente globalizada, que insere todas as cidades investigadas em processos

de abertura política e econômica, não resulta numa homogeneização de condições vividas por jovens nessas cidades. As bases políticas e econômicas sobre as quais as aberturas se deram se traduziram em oportunidades para manifestações de pluralidade juvenil marcadamente diferentes, com divergências de acordo com os níveis socioeconômicos em Lusaka e Recife, e com uma resposta de investimento juvenil em estudo e qualificação. A percepção da omissão ou da presença do Estado encaminha jovens para pluralizar mais ou pluralizar menos as suas buscas de expressão e de oportunidades.

Pluralidade limitada pela demografia: elasticidade de faixas etárias

A discussão de “demografia”, aqui, associa a política de reconhecimento formal da existência de faixas etárias compreendidas como jovens com a expressão de identidade de jovens nas suas configurações sociopolíticas urbanas e nacionais. É importante reconhecer que a literatura sobre juventude constantemente volta à questão de delimitar quem é jovem e quem não é, e isto permite discussões esclarecedoras e declarações muito repetidas, tais como: “Juventude é somente uma palavra”, evocando as considerações seminais de Bourdieu (1983) sobre o assunto; “Juventude é um estado de espírito associado a ocorrências no curso da vida”, remetendo à rica discussão de Johnson-Hanks (2004), Müller (2008) e outros sobre a vivência subjetiva que conjunturas vitais e transições; e “A juventude se realiza na convivência cotidiana de culturas juvenis com as suas lógicas próprias” (Pais, 1993, 2012; Alvim; Gouveia, 2000; Castro et al., 2001; Alvim; Ferreira; Queiroz, 2004; Almeida; Eugênio, 2006; Novaes 2006).

Essas considerações trazem grandes contribuições à compreensão das faixas etárias que compõem a juventude, mesmo que elas sistematicamente tangenciem a determinação das faixas reconhecidas pelos que se entendem como jovens. Aqui se argumenta que a interface entre as determinações de agências de medição comparativa precisam especificar faixas para trabalhar questões práticas e por realizar; que comparações estatísticas e o uso local dessas faixas numa política demográfica-identitária contribui para a construção de campos de significados diferentes entre os países.

Tanto os pesquisadores brasileiros quanto boa parte dos jovens recifenses com quem eles **conversaram** remetem à faixa etária frouxa de entre 15 a 18 anos e 25 anos, como delimitando uma juventude (quando não se está falando de um “estado de espírito” de jovialidade que não corresponde estreitamente a nenhuma idade cronológica). Não foge dos parâmetros básicos internacionais, veiculados pelas Nações

Unidas (15 a 24 anos) (ONU, 2009). Essa adesão aos parâmetros internacionais não equivale ao que se ouviu nas outras duas cidades quando os entrevistadores falavam com os que se consideravam jovens ou estudantes de jovens nesses locais.

Em Lusaka e em Hanói, o limite superior dessa faixa é muito mais elástico, chegando, e mesmo ultrapassando, 35 anos de idade. Essa elasticidade não implica que os recifenses sejam menos longevos que os jovens de outros locais. A existência de diferenciais em longevidade, abrindo fases mais extensas de vivência da juventude, não é uma explicação suficiente nem plausível para entender a construção do significado da categoria “jovem”, pois vietnamitas e brasileiros, no tempo da pesquisa, tinham uma média de esperança de vida de entre 68 e 69 anos e com tendências crescentes, enquanto em Zâmbia, assolada pela pandemia de HIV-AIDS, o cidadão somente tinha esperança de 33 anos ao nascer. Então, o que é que delimita a prática de reconhecer uma faixa etária que inclui pessoas de 35 a 40 anos como jovens?

Em Lusaka, a expectativa pode ser de morrer ainda jovem, e ocorre muito o adiar casamentos por não haver condições econômicas de sustentar uma família. Alias, pela faixa etária reconhecida como jovem e pela expectativa de vida, o que se espera é mesmo de “morrer jovem”. Nesse caso, o estender o que se entende como “jovem” sublinha uma combinação de precariedade econômica e existencial acentuada (índice de desenvolvimento humano entre os mais baixos do mundo, e exposição massiva à pandemia de HIV-AIDS) com uma prática cultural histórica de adultos assumirem a responsabilidade bastante direta por amplas redes de parentes em necessidade. O prestígio de ser um adulto responsável por muitos parentes, comum a muitos que residem na África subsaariana, é ressignificado pela dimensão da carga de dependência que resulta da mortalidade causada pela epidemia de HIV-AIDS. Se os homens de mais idade, mais “adultos”, costumam abrigar bons números dos seus parentes em Lusaka, a morte prematura de muitos leva a rearranjos domésticos que alteram a formação de casais, adiando ou reconfigurando a obrigação de cuidar dos outros.

Como matrimônios são declarações de maturidade que anunciam uma entrada na adultez, em Lusaka eles frequentemente são adiados, especialmente por homens, receosos das responsabilidades de cuidados a parentes e pessoas proximamente relacionadas. Se os homens adotam estratégias de sexualidade predatória ou de abstinência, ambas resultam na menor probabilidade de ficarem amarrados nas responsabilidades que as alianças matrimoniais acarretam. Assim, justamente em função da real possibilidade da baixa expectativa de vida, prolongar-se a juventude é uma prática de significação que preserva os homens em

que o peso da adultez se torna assustadoramente difícil de sustentar.

No Vietnã há algumas diferenças que ajudam ainda mais a esclarecer a construção elástica do limite superior de idade da categoria de “jovem”. No país, como já se mencionou, há uma valorização gerontocrática maior, especialmente em relação aos homens, pois as mulheres casam mais jovens que eles, apesar disso as submeter a uma convivência como dependente e subserviente aos pais do noivo (especialmente quando ele é o filho mais velho). Tanto os homens quanto as mulheres dedicam-se ao aprendizado e à qualificação **profissional**, mas também devem uma obrigação hierárquica às suas famílias, mantendo-se dependentes e pretendendo coabitação com os pais, já que há severas restrições na disponibilidade de espaço imobiliário, mas também, e mais forte, há uma expectativa de obediência filial cujo conteúdo se traduz na ajuda aos pais e sogros nas casas deles, e não o casamento neolocal.

Mesmo que o matrimônio ocorra, via de regra, em torno de 25 anos de idade, a continuação da obediência filial não redundava numa negação da condição de “jovem”. Ao se perguntar diretamente aos jovens, a juventude é identificada como estendida para 30 a 35 anos. Os primogênitos culturalmente assumem a responsabilidade de continuar residindo com os seus próprios pais (o que implica que as suas esposas têm de mudar de residência), e a obrigação filial deles implica em muitos cuidados exercidos por elas. Os outros filhos também costumam manter-se no grupo residencial dos pais, e, com a política oficial de estímulo a apenas “dois filhos” por casal, a residência neolocal é ainda mais inibida. Adicionalmente, há outra hierarquia, além da hierarquia familiar, que tende a favorecer uma extensão da categoria de juventude para faixas mais idosas. É a promoção política do pertencimento em organizações comunitárias fortemente associadas à estrutura político-administrativa do país – a União da Juventude e a Federação da Juventude, cujos limites etários estabelecidos por elas se estendem a 28 e a 35 anos, respectivamente. Essas organizações, braços do partido comunista que aplicam as políticas nos bairros e promovem adesão à comunidade, estruturam-se com a liderança nas mãos dos “jovens” mais velhos de cada localidade, quase sempre entre 30 e 40 anos, e muito vigilantes da obediência às políticas governamentais. Muitos jovens reconhecem que, mesmo pertencendo a essas organizações e as atividades que promovem, as oportunidades de lazer e de divertimento se localizam em outras esferas e outros locais para sociabilidade na cidade.

A flexibilidade da formulação de parentelas no Brasil (Wagley, 1965) talvez seja parcialmente responsável pela menor extensão do limite superior da

juventude no Recife, pois, sobretudo entre os grupos populares, admite-se uma circulação entre residências de parentes e de afins, o que acirra a adesão a um modelo dominante de procura neolocal de residência, especialmente forte entre as camadas mais pobres. A circulação de crianças (Fonseca, 2006) faz com que aparentados e pessoas próximas possam receber e cuidar de filhos e, desse jeito, estabelecer as suas residências separadamente. Diante dessa flexibilidade (e às vezes multiplicidade) de pertencimentos, jovens reconhecem que também não há grande dificuldade em assumir a responsabilidade de uma casa quando se é novo. Formar um casal, e, se possível, sair de casa contribuem para a ideia de que seja uma procura de liberdade e autonomia, e, enquanto tal, um fator que permite que seja visto como “adulto”.

Sair de casa cedo já não é uma prática tão característica de camadas médias. Inclusive, a quase “eternalização” da juventude entre os jovens de camadas médias evidencia quanto uma subordinação (pelo menos aparente) ao controle paterno pode significar para a construção de um capital social, cultural e econômico capaz de diferenciar os jovens numa sociedade profundamente dividida. Essa prática é visualizada como um investimento para ter melhores condições para morar numa casa separada, de boa qualidade condizente com o seu “nível” social, no futuro. A construção etária do significado da categoria brasileira de juventude pauta-se, sobretudo, em experiências dos grupos populares que, mesmo diante dos rearranjos residenciais que permitem que muitos jovens casados que não encontram outro local de residir continuem morando com os pais, antecipam, com frequência, a sua saída da fase da juventude. Mesmo quando residem juntos, tentam estabelecer entradas e saídas separadas e cozinhar separadamente, e a valorização da casa própria faz parte de um sonho compartilhado por jovens das camadas pobres e médias.

As pesquisas sobre o crescimento de bairros populares apontam para o fato de a busca da casa própria ser um fator importante no estabelecimento de novas áreas de residência, designadas de invasões. Quase sempre se misturam nesses locais algumas famílias que sofreram de eventos que as levaram a um empobrecimento forte, junto com um bom número de casais jovens e os seus filhos novos, que estão com as suas famílias em processo de formação. Isto se evidenciou no bairro do Ibura (Scott, 2009; Scott; Athias, Quadros, 2008), bem como nos bairros estudados na pesquisa *Jovens e a Cidade*. A busca pela autonomia residencial faz parte de uma tentativa de estabelecer uma passagem carregada de significados que os jovens brasileiros consigam chegar à adultez reconhecida socialmente numa idade relativamente mais nova que os jovens de Lusaka e de Hanói. Não deve ser confundida com nenhuma vontade de se adequar às

categorias promovidas pelas Nações Unidas e pelas instituições de registro censitário da população.

No Recife, percebem-se diferentes estratégias generizadas de aceleração e desaceleração da transição da juventude para a adultez. As incidências de envolvimento em atividades ilícitas para os homens e em gravidez na adolescência para as mulheres associam-se mais aos grupos populares do que às camadas médias e têm recebido uma ênfase desmedida de publicidade e atenção condenatória. A tentação de atribuir essa diferença a moralidades diferenciadas dos dois grupos permeia interpretações apressadas sobre os valores seguidos pelos jovens dos dois grupos. Entendendo as diferentes trajetórias como uma manifestação de pluralidade nas trajetórias e experiências juvenis, pode-se reconhecer uma adesão a um projeto de procurar acelerar a transição da juventude, marcada por dependência econômica e social, para adultez, procurando marcá-la por independência, autonomia e liberdade, econômicas e sociais. Em muitos casos é um jogo ilusório.

Franch (2008), Gough e Franch (2006) e Müller (2008) realçam os significados atribuídos à diversidade espacial e temporal juvenis, mostrando a enorme plasticidade dessas experiências. Mas nessa vivência plural ainda se evidencia uma concentração na antecipação das transições no curso de vida de jovens populares na busca de responsabilidades e de padrões de consumo que sinalizam uma saída da condição de dependente. Para os rapazes, a passagem para adultez implica em assumir a sustentação de uma família, o que traz consigo uma carga de despesas quase insustentáveis pelos ganhos que muitos empregos de baixa remuneração, sem nem mencionar períodos de desemprego, fornecem aos homens. A maioria dos homens jovens se esforça para enfrentar as dificuldades de conseguir sustentar uma casa. Ficando ou não com os seus pais, esses jovens investem em controlar o orçamento e demonstrar que eles têm maturidade para contribuir com ganhos parcos que possam ser cuidadosamente administrados para arcar com as despesas de uma casa.

Frequentemente a situação é diferente no caso das camadas médias, com demandas de consumo e pretensões de estilos de vida mais dispendiosos. Pode implicar em passar mais tempo na casa dos pais e adiar a idade de assumir a casa, ficando como “jovens” por mais alguns anos “amurcgando os pais,” na expressão de Rios Neto (2003). Para as camadas médias, essa imagem agrada aos pais, que se fazem de sacrificados ao investir na formação dos filhos para transmitir o patrimônio familiar. Os pais queixam-se que os filhos não têm independência financeira, ao mesmo tempo em que reconhecem que esse período mais estendido de co-residência ocorre em função da sua aquisição de habilidades e conhecimentos que podem

servir para a reprodução de um padrão de vida que se assemelha ao padrão dos próprios pais.

Voltando às camadas mais pobres, outro grupo, minoritário, mas não desprezível numericamente, e muito mais noticiado, procura um enriquecimento mais rápido via diversas modalidades de roubos e tráfico de entorpecentes. Nesse caso, há uma quebra da busca da adultez e de responsabilidade conjugal, e a continuação de uma juventude de consumo intensivo individual, cujo prolongamento, quando não resulta em morte ou aprisionamento ainda jovem (Misse, 2008; Sales, 2007), pelo menos não exige um grande compartilhamento da riqueza com o grupo doméstico de origem ou com uma esposa. Não deixa de haver uma busca de reconhecimento por meio da concessão de presentes ocasionais compensatórios para agradar os genitores, mas essa prática encontra resistência na compreensão da moralidade familiar dos pobres (Sarti, 1996). Em muitas ocasiões, os pais dos jovens contraventores, quando confrontados com uma decisão de aceitar ou não um presente que, na maior probabilidade, é resultado das ações ilícitas, recusam o presente oferecido mais vezes que não, e aproveitam a oportunidade para pedir (normalmente sem sucesso) para o filho se reintegrar à moralidade familiar e deixar essas atividades.

Se assumir uma família mediante um casamento é uma entrada simbólica para a adultez, esse não é o caminho mais percorrido pelos contraventores. Mais do que uma conjugalidade que produz filiação, esses homens procuram uma sexualidade mais predatória e transitória. Avessos à dependência da juventude, em vez de almejam uma adultez, almejam uma extensão de períodos de alto consumo que não tenham uma marca etária. A ideia de seguir um curso de vida que entendem como duro é anátema para eles, pois é percebido como um curso de vida sem compensações que os “otários” explorados pelos outros pobres escolhem. Muitos prenunciam que a sua expectativa é de morrer logo, ainda jovem, mas tendo vivido plenamente. Além das narrativas, as estatísticas também confirmam as suas predições (Waiselfisz, 2002).

Para as meninas, mesmo que o mercado de trabalho não as trate tão diferentemente de como trata os rapazes, nem a escola (que aproveitam mais de que os rapazes), nem o trabalho (que as remunere pior) resultam em atingir uma transição clara para fora da juventude. A antecipação da gravidez, por mais combatida que seja pelas políticas públicas e pela mídia, traz com ela uma valorização potencial da maternidade que força uma redefinição de relações familiares. Antes apenas uma menina, agora é mãe e a responsabilidade de criar um filho permite um redimensionamento das relações de dependência doméstica que exige uma significação mais explícita da ampliação de parentela. Nem sempre o resultado é positivo, mas

frequentemente percebe-se a continuação de uma tradição de estabelecimento de alianças femininas em torno da formação da família (Scott, 1990, 2001; Smith, 1996). Assim, as meninas costumam antecipar, muito mais que os rapazes, a chegada na adultez. Ainda mais, na própria negociação com os seus parceiros sobre a responsabilidade do filho, elas contribuem para definições mais nítidas sobre as escolhas masculinas de curso de vida!

Embora tenha sido extensa a discussão deste assunto, é importante remeter-nos aos esclarecimentos que a comparação oferece. Em Lusaka, as expectativas de consumo, se bem presentes, são menores, e as redes de criminalidade, não tão potencialmente lucrativas quanto no Recife. A violência experimentada na sociedade é vivida de uma forma mais generalizada, em termos de condições de vida, havendo menos recorrência a manifestações mais individualizadas de violência diretamente contra outras pessoas. A pandemia de HIV-AIDS deixa muitos jovens resabiados com a própria ideia de haver qualquer transição no curso da vida, pois este já está interrompido pela intensidade do perigo da transmissão, do adoecimento e da morte. Lembrando o que foi mencionado anteriormente, dois efeitos na sexualidade juvenil masculina, a intensificação da abstinência ou da predação, são radicalmente diferentes, mas os resultados se assemelham: não força uma formação de um grupo doméstico que poderia aumentar a já grande carga de responsabilidade que muitos têm por estarem encarregados de conviver com e/ou cuidar de parentes desamparados pela perda dos seus familiares mais próximos.

A força das linhagens e das parentelas de grupos distintos em Zâmbia não permite a opção mais flexível de circulação e recomposição que ocorre no Recife. Nesse caso, estender o período de “juventude” é uma espécie de uso de significados demográficos como profilaxia contra as responsabilidades, que podem aumentar e se tornar insuportáveis. Nos seus cuidados contra essa ocorrência, os homens fazem referência ao fato de terem muito receio de que a pressão que meninas que são suas amigas fazem para virar “amantes” pode oferecer maior probabilidade de um futuro casamento muito oneroso. Nessa situação, Hansen (2008b) ainda ressalta que muitas jovens comercializam as relações sexuais de diversas formas, simplesmente por não visualizarem outras saídas.

Em termos da continuidade de gerações, a situação de Hanói é oposta à de Lusaka. A malha estreita de relações de parentesco e as regras estritas de obediência geracional terminam por prolongar uma dependência juvenil. Muito mais anos são dedicados ao estudo em preparação para assumir a responsabilidade masculina filial e de noras para cuidar dos pais e dos sogros, respectivamente, reforçado por uma regra de

co-residência. A obediência aos padrões de respeito às gerações mais velhas favorece os homens por causa das práticas patrilocais de residência pós-nupcial, que distancia fisicamente as jovens dos seus próprios pais e as coloca com responsabilidade de ajudar nos cuidados dos sogros. Se em Lusaka o respeito a hierarquias geracionais perdura, ele não tem condições de ser visto como comandando um modelo viável da sociedade, enquanto em Hanói ele consegue estabelecer padrões a serem obedecidos, assemelhando a obediência filial com a obediência civil de cidadão. O próprio Estado promove uma política de planejamento familiar de dois filhos, o que resulta em maior investimento na educação de cada um deles.

A ostentação não se manifesta em Hanói, mas também a pobreza marcada é mais velada. As expectativas geradas de consumo são mais comedidas e mais proximamente relacionadas a um projeto societário nacional, e não a uma mostra de superação individual que comunica uma percepção do Estado como omissor ou incapaz de fornecer as condições adequadas para todos (como ocorre no Brasil). A reduzida diferença entre as camadas ajuda a amenizar o recurso à violência, que às vezes toma a forma de exigências excessivas às camadas mais jovens da sociedade para se curvarem à obediência parental e hierárquica. A antecipação da transição, neste contexto, quebraria valores consagrados no atual modelo societário dominante.

Pluralidades limitadas pelo indivíduo na sociedade relacional

Há literaturas acadêmicas e literaturas populares que identificam características associadas ao caráter nacional, mas ambas convidam a generalizações simplificadoras e às vezes incorrem em profundas injustiças contra a variedade de apresentações de sujeitos em cada país. Os estudos sobre o individualismo nas sociedades foram objeto de reflexões de Dumont (1985), que teve a perspicácia de reconhecer que diferentes sociedades prezam diferentes tipos de relationalidades e que isso incorre na produção de sujeitos que valorizam muito diferentemente eventos que situam as pessoas em relação às ideias de igualdade e de hierarquia.

Ao focar juventudes em três cidades, neste estudo forçosamente enfrenta-se uma tensão entre essas noções por duas razões: porque a ideia de juventude se situa, incomodamente, numa hierarquia que implica em algum grau de subordinação, de obediência e de inclusão; e porque a ideia de juventude suscita uma agência que clama pela igualdade diante dessa mesma inclusão, reconhecendo uma individualidade que a diferencia, com destaque para educação e comunicação. O assunto da simbolização do indi-

vidualismo merece atenção muito mais abrangente. Aqui apenas receberá algumas sugestões que brotam da comparação feita pela equipe de *Youth and the City* e pela nossa referência a pluralidades diferentes. As limitações postas à pluralidade da manifestação da juventude nessas juventudes urbanas pela história recente da abertura global, política e econômica, e pelas composições demográficas nos contextos vividos e pelos significados atribuídos diferentemente a eles pelos jovens mostram que os estes encontram as suas próprias formas de agir diante dessas limitações. São essas formas que estamos designando de pluralidades provocadas, ou seja, pluralidades que fogem das limitações aparentes nos contextos onde vivem; práticas que esboçam uma criatividade que abre novos espaços de contestação, de reinserção e de mudança que não seguem estritamente pelas limitações que se apresentam aos jovens estruturadas nas suas nações e cidades. Voltaremos a isso nas provocações finais, mas neste último item nos deteremos nas limitações à pluralidade nas áreas de educação e de comunicação, e, evidentemente, nas maneiras pelas quais os jovens criam as suas respostas na tensão entre hierarquia e indivíduo para provocar novas pluralidades.

Os jovens, nas salas de aula observadas no Recife e em Lusaka, enfrentam um Estado extraordinariamente omissor nas escolas públicas designadas para oferecer-lhes informações e oportunidades para adquirir conhecimentos e habilidades que lhes possam ser úteis na sua sociedade. Para os jovens das camadas médias mais abastadas e ricas, há um caminho para evitar o descaso do Estado: os patrimônios domésticos das famílias permitem-lhes acesso a escolas particulares no país e no estrangeiro, o que lhes reserva um espaço futuro superior na hierarquia e se coaduna com os seus períodos maiores sob a tutela dos pais (ou nos espaços seguros de instituições de educação promotoras dos valores de distinção que essas famílias buscam). Mas nas escolas públicas, o que resta é uma subversão de uma realidade alienante, que comunica o desencanto com a educação como caminho eficaz para progredir na vida.

No Recife, a sala de aula torna-se uma arena para expor o descaso. Absenteísmo e repetência conjugam-se com o pouco rigor com o disciplinamento do alunado, que normalmente se dedica a apenas um expediente reduzido do dia na sala de aula. Um ditado que recebe muita aceitação, mesmo diante de contraexemplos concretos que podem ser encontrados com frequência (Cf. Castro et al., 2001), é que “o professor finge que ensina, e o aluno finge que aprende”, mas nem esse fingimento parece necessário, pois não se busca a confirmação do aprendizado com muito afínco. As interrupções constantes por alunos ansiosos de mostrar a sua esperteza em algum campo que dominam terminam por prejudicar a sequência

do que se planeja ensinar. Contar uma piada, zoar de um colega, paquerar abertamente, mostrar a habilidade em música, comunicar-se com outros pelo celular, todos tomam precedência sobre os assuntos pautados para discussão em sala. As pedagogias perdem o sentido, e o professorado encontra enormes desafios para manter-se focado no que deve estar ensinando.

Em Lusaka, mais marcada por um processo de falta de investimento e manutenção recentes, mas com estudantes (sem material escolar próprio) mais atentos, essa perda de relevância cultural é particularmente forte e mais desoladora porque a produção do material didático reflete muito pouco a especificidade do país. A escola continua associada historicamente à imposição de padrões de conhecimento coloniais, e o material usado faz referência a outros países e outras realidades, com os professores fazendo tentativas de usá-los para a discussão crítica ao colonialismo. A sala de aula em Zâmbia, quando comparada à de Recife, serve muito menos como um espaço para a encenação da individualidade. O desmonte da escola naquela cidade é ainda mais forte que nesta. Escolas profissionalizantes animam mais os alunos para o aprendizado, que poderia, mesmo dificilmente, resultar num emprego.

Em Hanói, as escolas visitadas – talvez exemplares demais, por terem sido escolhidas pela patriótica União de Juventude para a equipe observar – têm longos horários e são de um extraordinário rigor nas suas exigências de conformidade comportamental dos jovens. Há muito espaço para dedicação plena, e bem menos para criatividade. Mas a inserção da experiência escolar num curso de vida idealizado leva muitos jovens a dedicar longos anos à aquisição de conhecimentos que esperam resultar no seu sucesso em conseguir uma capacidade que possa justificar a sua indicação a um emprego seguro. O espaço escolar de Hanói não se preza nem pela sua ludicidade, nem pela individuação. Já os espaços escolares do Recife e de Lusaka são invadidos por um significado ao mesmo tempo lúdico e tênue, fazendo parte de uma formação da expectativa de uma inserção mais individualizada e menos programática no futuro de sociedades que são profundamente divididas. Recife sempre sugere que algum caminho pode ser encontrado mesmo que seja fora dos moldes da própria instituição de ensino, e Lusaka, mais realisticamente cética, participativa, mas também em busca de outras atividades em escolas profissionais, ONGs, igrejas e grupos musicais.

Com salas de aula tão dirigidas e vigilantes e de tempos tão extensos em Hanói, a procura de atividades de comunicação fora da sala de aula envolve uma busca de individualização com o uso intensivo da Internet. Nem televisão nem rádio (com programações monitoradas por seus idealizadores) oferecem uma

oportunidade para interlocução com pessoas no mundo inteiro, e, na época da pesquisa, era nas lan-houses e na ainda limitada privacidade do computador nos seus espaços domésticos apertados que os jovens vietnamitas se individualizavam na comunicação com os outros (Stecanela, 2010; Simões 2011). Em Lusaka, a tecnologia de informática é pouco disponível para a população e a televisão repleta de programas sem nenhuma aplicação para a realidade local. Isso abre um espaço para as rádios para integração e mobilização, no qual a expressão da capacidade de comunicar pode servir para estreitar os laços entre as pessoas e mobilizar para atividades, oferecendo um dos poucos caminhos para os indivíduos se destacarem na vida, de uma forma semelhante à que foi vista por Pereira (1967) no Brasil, antes do advento da televisão.

No Brasil, a acessibilidade à televisão é notória, com uma diversidade de redes nacionais cujas tecnologias se equivalem em muitos aspectos às maiores redes mundiais. A programação cativa a atenção dos jovens, e as imagens acirram uma vontade de consumir, veiculando um modelo dominante ao qual todos podem aspirar, mas que poucos podem atingir. A tecnologia de informação também cresce e é muito acessada no Brasil, e se expande nas lanhouses, que proliferam no país, e no acesso cada vez mais individualizado à computação, mas a abertura geral da sociedade na época ainda não fazia dela um veículo tão diferenciado quanto no Vietnã. A televisão cria uma ilusão de ordem e capacidade tecnológica emulada por muitos jovens no Brasil, que terminam por descobrir que a sua tão valorizada individualidade se conforma a um padrão espalhado pela nação.

Pluralidades, limites, provocações

Com os dados e interpretações apresentadas aqui, é óbvio, como foi anunciado no início, que o caminho a seguir para concluir não seria o de caracterizar juventude em geral, nem num continente nem noutro, nem numa cidade nem noutra. As comparações realizadas no trabalho não tiveram o intuito de oferecer sugestões para generalizações sobre esses assuntos. Elas se organizaram em três ordens de fenômenos, os quais foram designados de pluralidades limitadas. O termo adotado teve a finalidade de contrapor-se a crescentes correntes de pensamento que atribuem quase ilimitadas possibilidades de apresentação de sujeitos, particularmente acirradas quando o assunto é a juventude. Ao mostrar como as pluralidades de manifestações de juventude sofrem limitações impostas por histórias globais convergentes de abertura política e econômica em contextos nacionais concretos, identificaram-se respostas muito diversificadas, inseridas

em estruturas político-administrativas que ora realçam diferenças hierárquicas, ora semelhanças, e que cobram dos jovens uma atuação dentro do contexto urbano histórico vivido no seu país.

Ao mostrar que uma pluralidade de composições demográficas dos países erige limitações e têm um papel fulcral para situar a juventude como pertencente a certas faixas etárias, percebeu-se que não há uma associação direta entre a composição demográfica e as significações atribuídas à juventude pelos jovens, cujas práticas revelam uma leitura própria da importância de ser jovem, de ser mulher ou homem e de pertencer às hierarquias e às redes familiares e diferentes esferas de sociabilidade correntes no país. A pesquisa, ao mostrar que as instituições educacionais e de comunicações investigadas nos contextos urbanos oportunizam certas pluralidades, tanto pelas suas presenças quanto pelas suas ausências, identifica campos nos quais os sujeitos juvenis procuram se individualizar de acordo com as suas inserções no seu país. Todas essas pluralidades limitadas não terminam por constranger a variabilidade dos jovens nas cidades. O que, sim, merece ressaltar é que quando se diz que a juventude é plural é impossível errar, mas que quando se almeja entender os contextos que explicam algumas das convergências e divergências nessa pluralidade, há um campo extraordinariamente rico a ser explorado, em contrastes entre nações, culturas e práticas entre jovens que residem na cidade e que são interconectados globalmente.

Quando nos referimos a pluralidades “provocadas” neste trabalho, o que pretendemos reter é a correção da percepção do jovem como sujeito que faz a sua leitura das limitações impostas à manifestação da sua maneira de ser jovem no contexto no qual se

encontra. A referência à provocação é uma referência a um questionamento de como se inserir em hierarquias e solidariedades estabelecidas, pois elas podem e têm de ser vividas diferentemente em contextos diferentes, mas não há uma receita sobre como vivê-las que não reporte aos contextos locais. Ao examinar as limitações às pluralidades de manifestação juvenil em três cidades, em hora alguma pode-se negar que juventude é apenas uma palavra, que é um estado de espírito, que tem as suas culturas particulares, e que as práticas dos jovens são carregadas de agência que confere significados às suas ações e que provocam a formação de novas pluralidades que operam nas suas vidas e nas suas sociedades.

Para encerrar, dando realce mais uma vez aos jovens brasileiros vistos no Recife, é possível dizer que são profundamente divididos entre classes sociais, passam tempos diferentes residindo como dependentes dos seus pais, antecipam a sua saída da juventude por gravidez e por morte, desencantam-se com o desemprego, investem forte em aquisição de conhecimentos e habilidades, desejam ascender e prezam a sua individualidade, caçoam dos contextos escolares pouco produtivos e procuram instrução que possa inseri-los num mundo de empregos e oportunidades, procuram autonomia e liberdade em uma sociedade que lhes ensina os valores de família, de responsabilidade e da adultez. Ao ver como eles são e não são semelhantes a jovens de Lusaka e de Hanói, percebe-se que os significados da pluralidade vivida por eles remetem a fatores que informam limites e provocam agências elaboradas pelos próprios jovens para lidar com a sua inserção no que é, adaptando a ideia de Magnani (1998), seu “pedaço” de mundo.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Orgs.). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Gestão Comunitária/Instituto de Investigação e Ação Social, 2000.

ALVIM, Rosilene; FERREIRA JUNIOR, Edísio; QUEIROZ, Tereza (Orgs.). *(Re)Construções da juventude: cultura e representações contemporâneas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho hoje*. São Paulo: Boitempo, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Juventude é somente uma palavra? In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY Miriam; RUA, Maria das Graças; ANDRADE, Eliane R. *Cultivando vida, desarmando violência: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Unesco/Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/unesco-resources-in-brazil/studies-and-evaluations/violence/cultivating-life-disarming-violence/>

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FONSECA, Claudia. Da circulação das crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. *Cadernos Pagu*, v. 26, jan./jun., p. 11-43, 2006.

FRANCH, Monica. *Tempos, contratempos, e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens*

- de grupos populares do Grande Recife. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- GOUGH, Katherine V.; FRANCH. Spaces of the street: socio-spatial mobility and exclusion of youth in Recife. *Children's Geographies*, v. 3, n. 2, p. 149-166, 2005.
- HANSEN, Karen T. *Keeping house in Lusaka*. Columbia: New York, 1997.
- _____. Introduction: youth and the city. In: HANSEN, K. T. et al. *Youth and the city in the Global South*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008a. p. 3-23.
- _____. Localities and sites of youth agency in Lusaka. In: HANSEN, K. T. et al. *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008b. p. 98-124.
- HANSEN, Karen T.; DALSGAARD, Anne L.; GOUGH, Katherin V.; MADSEN, Ulla A.; VALENTIN, Karen; WILDERMUTH, Norbert. *Youth and the city in the Global South*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008.
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual de trabalho? Um olhar voltado para empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- JOHNSON-HANKS, Jennifer. On the limits of life stages in ethnography: toward a theory of vital conjunctures. *American Anthropologist*, v. 104, n. 3, p. 865-880, 2004.
- LONGHI, Márcia R. Os jovens e a cidade: a informática e os jovens. *Research Report: youth and the city*. Recife: Manuscrito, 2002.
- MAGNANI, José G. C. *Festa no pedaço: lazer e cultura popular na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MISSE, Michel (Org.). *Acusados e acusadores: estudo sobre ofensas, acusações e insinuações*. Rio de Janeiro: Revana, 2008.
- MÜLLER, Elaine. *A transição é a vida inteira: uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: conceitos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.
- ONU. United Nations, International Olympic Community. *Encouraging & Engaging a Healthy Younger Generation Through Sport* (presentation by Marie Sallois Dembreville), 2009. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/qanda.htm>>. Acesso em: 12 set. 2013.
- PAIS, José M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- _____. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2012.
- PEREIRA, João B. B. *Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.
- RIOS NETO, Eduardo L. G.; GOLGHER, A. A oferta de trabalho dos jovens: tendências, perspectivas. *Mercado de Trabalho e Conjuntura* (IPEA), v. 21, p. 37-52. Rio de Janeiro, 2003.
- RODRIGUES, Madiana. Os jovens e a cidade: estágios no Recife. *Research Report: youth and the city*. Recife, 2002. (Manuscrito).
- SALES, Mione A. *(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores com metáfora de violência*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SCOTT, R. Parry. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiência do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*, n. 7, p. 38-47. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1990.
- _____. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital? *Interface: Comunicação em saúde, educação*, v. 5, n. 8, p. 61-72, 2001.
- _____. Família, gênero e poder no Brasil no século XX. *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas nas Ciências Sociais*, v. 58, n. 1, p. 29-78, 2004.
- _____. Etnografia, contextualização e comparação no estudo de jovens e famílias. In: CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; HOFFNAGEL, Judith (Orgs.). *Pensando família, gênero e sexualidade*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006. p. 147-167.
- _____. *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades, solidariedades*. Recife: Ed. UFPE, 2011.
- SCOTT, R. Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion Teodósio de (Orgs.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.
- SCOTT, R. Parry; FRANCH, Monica. Jovens, Moradia e Reprodução Social: Processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. *Estudos de Sociologia: Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia*, v. 7, n. 1-2, p. 95-125, 2004[2001].
- SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Editores Associados, 1996.
- SIMÕES, José Alberto. Internet, hip-hop e circuitos culturais juvenis. In: PAIS, José M.; BENDIT, René; FERREIRA, Vitor S. (Orgs.). *Jovens e rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.
- SMITH, Raymond T. *The matrifocal family: power, pluralism and politics*. New York: Routledge, 1996.
- STECANELA, Nilda. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.
- WAGLEY, Charles. Luzo-Brazilian Kinship Patterns. The Persistence of a Cultural Tradition. In: MAIER, Joseph; WEATHERHEAD, Richard W. (Eds.). *The politics of change in Latin America*. New York: Praeger, 1965.
- WASELFISZ, Julio J. *Mapa da violência III*. Brasília: Unesco/Instituto Ayrton Senna/Ministério da Justiça/ SEDH, 2002.

Urban youth in Brazil, Zambia and Viet Nam: nations, cities and pluralities

Abstract

From 2001 to 2005, the comparative study “Youth and the city” focused on youth in cities in three different continents: South America (Recife, Brazil), Africa (Lusaka, Zambia) and Asia (Hanoi, Viet Nam). The malleability of youth, as a category, and of the young, as social actors, is seen in very different local, national and historical contexts. The paper argues that “plurality” of youth can be understood by a reference to a combination of national contexts and youth culture. It identifies how some social processes operate in different social contexts lived by the young in cities, emphasizing how history, demography, meanings attributed to age groups, and the search for webs of relatedness associated with cultural traditions and with the search for individualism are articulated to put different limits on plurality in different nations.

Key words: urban youth, plurality, Brazil, Zambia, Viet Nam.

Jóvenes urbanos en Brasil, Zambia y Vietnam: naciones, ciudades y pluralidades

Resumen

De 2001 a 2005, la investigación comparada “Youth and the City” se centró en los jóvenes de ciudades de tres continentes diferentes: América del Sur (Recife, Brasil), África (Lusaka, Zambia) y Asia (Hanói, Vietnam). La maleabilidad de la juventud, como categoría, y de los jóvenes, como actores sociales, se observa en contextos urbanos locales, nacionales e históricos bien diferentes. El argumento de este trabajo es que la “pluralidad” de la juventud puede ser comprendida con referencia a la combinación de contextos nacionales y culturas juveniles. Se identifican algunos procesos que operan en diferentes contextos sociales vividos por los jóvenes urbanos. El artículo muestra cómo 1) la historia, 2) la demografía, 3) los significados del grupo etario y 4) la formación de redes de relaciones asociadas a tradiciones esculturales y a la busca de individualismo se articulan para construir pluralidades limitadas de forma diferente en diferentes naciones. Ve cómo los jóvenes, en sí, provocan otras pluralidades en su busca de espacios juveniles en esos límites nacionales.

Palabras clave: juventud urbana, pluralidad, Brasil, Zambia, Vietnam.

Data de recebimento do artigo: 9/12/2013

Data de aprovação: 6/8/2014